

# CRÔNICA DE UMA LITERATURA ANUNCIADA: A CORRESPONDÊNCIA DE HARRY LAUS

Zahidé Lupinacci Muzart<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo, escrevo sobre o escritor catarinense Harry Laus, crítico de arte nos anos 70/80. Comento sua preocupação com a memória, a doação de seu acervo para a UFSC e os trabalhos decorrentes. A partir da correspondência com sua tradutora, analiso a importância dela em sua carreira literária.

**Palavras-chave:** Acervo. Harry Laus. Memória. Claire Cayron.

**Chronicle of a literature previously announced:  
the correspondence of Harry Laus**

## ABSTRACT

In this article, I write about the writer Harry Laus, who was born in Santa Catarina state and was an art critic in the decades of 70's and 80's. I comment on his concern to keep memories of his work, the donation of his collection to the Federal University of Santa Catarina, and the works resulting from researches made based on those documents. The importance of the correspondence maintained between Laus and his translator in his literary career is also analyzed in this work.

---

<sup>1</sup> Professora titular aposentada - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua no curso de Pós-Graduação em Literatura dessa Universidade. É pesquisadora do CNPq (1A) e trabalha na linha de pesquisa Literatura e Mulher. Publicou diversos artigos em revistas especializadas e é responsável pela edição de alguns diários de viajantes estrangeiras no Brasil no século XIX. Coordenou trabalho de resgate com pesquisadoras de várias universidades brasileiras o que resultou nos livros *Escritoras brasileiras do século XIX*, volumes I, II e III. Dentre suas publicações destacam-se os livros *Cruz e Sousa. Poesia Completa*, *Cartas de Cruz e Sousa*, *Júlia da Costa: Poesia*, *Mariana Coelho: A evolução do feminismo*, *Tempo e Andanças de Harry Laus*, *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura* (com Izabel Brandão). Coordena a Editora Mulheres, em Florianópolis. <mailto:zahide@floripa.com.br>

A obra de Harry Laus, integralmente publicada na França, está entrelaçada intimamente a sua vida. Foi um escritor full time e quase tudo o que escrevia: cartas, diários, pensamentos era utilizado posteriormente em sua obra. Foi traduzido e publicado pela editora José Corti, em Paris, desde os anos 90.

Com a preocupação de preservar a memória textual dos escritores catarinenses, fundamos o Núcleo de Documentação e Pesquisa, na Universidade Federal de Santa Catarina, em 10 de setembro de 1992. Ele teria por missão a guarda dos acervos dos escritores falecidos. Para que não se tornasse um simples arquivo, seu principal objetivo visaria o incentivo à publicação dos inéditos e os estudos dos manuscritos.

O núcleo ocupou uma sala conquistada a duras penas no meu departamento. A duras penas também, conseguimos mobiliá-la agradavelmente para usá-la como centro de reuniões de pesquisa. Recebeu o nome de Sala Harry Laus, pois estava profundamente ligada ao escritor, falecido em maio de 1992, no ano em que completaria 70 anos. Decidimos homenageá-lo com um livro sobre a sua obra literária. Harry já estava com câncer e preocupava-se com o destino a dar a seus papéis, pois, além de manuscritos, inéditos, cartas e da fortuna crítica, deixava vários e valiosos diários. Então lhe falei da intenção de fazer um núcleo de documentação e pesquisa centrado na literatura de Santa Catarina. Ele não me afirmou que deixaria seu acervo para a UFSC, mas após seu falecimento constatei comovida, que nos tinha dado sua confiança. Deixara todos os textos para esse núcleo que teve início com esse acervo.

Harry Laus foi militar de carreira, tendo se aposentado em 1964 como coronel. Foi crítico de arte, a partir de 1961, com intensa atividade jornalística, assinando colunas especializadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, em importantes revistas como **Senhor e Veja** e jornais como **Correio da Manhã, Jornal do Brasil, Folha de S.Paulo, Diário de São Paulo** e vários outros. Publicou mais de 1000 artigos (mais exatamente 1910). Todo esse material foi organizado pelo escritor e encontra-se já catalogado em pastas, por periódico e em ordem cronológica, e atualmente, foi obtida a aprovação do projeto (Pronex). para digitalizá-lo. Com a coordenação do Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos (UFSC), o objetivo principal deste projeto é a criação do Portal Catarina e o apoio à preservação de acervos de autores do estado de Santa Catarina. A meta do portal é colocar ao alcance de qualquer usuário da internet, de forma gratuita, um grande número de obras catarinenses de domínio público;

informações sobre as obras e os autores; fortuna crítica; acervos particulares de uma parte dos intelectuais catarinenses mais representativos do século XIX; uma parte dos mais importantes periódicos literários catarinenses dos séculos XIX e XX. A digitalização cuidadosa e extensiva dos acervos disponíveis garante definitivamente sua preservação e o acesso irrestrito ao patrimônio.

Voltando para Santa Catarina, uma vez aposentado, Harry Laus foi diretor do Museu de Joinville, que organizou. Foi, então, convidado para a direção do Museu de Arte de Santa Catarina, em Florianópolis, onde permaneceu até pouco antes de falecer quando, vencido pela doença, pediu exoneração.

As artes plásticas, em Santa Catarina, apresentam nitidamente dois períodos: antes e depois de Harry Laus. Ele foi, verdadeiramente, o modernizador do setor em Santa Catarina, o impulsionador. Não só porque trouxe muitos artistas de renome a Florianópolis como levou as exposições dos catarinenses para o Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades. Promoveu artistas como Eli Heil, que teve duas exposições em Paris, sempre com o impulso de Harry Laus.

Além do trabalho de organização e difusão cultural, havia sua presença como crítico, nos jornais. Todo esse esforço causou uma verdadeira revolução na acanhada província de então. Harry veio da literatura para a crítica de arte e via o processo de criação de idêntica forma, como declarou em entrevista ao escritor Salim Miguel: “o processo criativo de um pintor é o mesmo de um escritor. E embora os meios de expressão sejam diversos, tanto o escritor como o artista plástico desejam se comunicar, transmitindo alguma coisa de si, de seus conflitos”.<sup>2</sup>

Sobre Eli Heil, artista extremamente criativa, escreveu um texto muito elogioso e foi o maior impulsionador de sua carreira e o primeiro a estudá-la não como naïve mas como expressionista, qualificação que melhor convém a essa artista:

No início da carreira de Eli Heil houve quem a classificasse como “naïve” (ingênua) ou primitiva. Esses adjetivos cabem melhor a quem assim tentou defini-la. No desejo incontido de rotular, pode-se falar em expressionismo, se pensarmos em Van Gogh, Edward Munch, Kirchner, Franz Marc, mas principalmente se aceitarmos

<sup>2</sup> Entrevista com Salim Miguel. In MUZART, Zahidé L. Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Editora da UFSC; Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993, p. 61-68.

que “o expressionismo é uma arte escandalosa por essência”. O escândalo, no caso de Eli Heil, está patente no rompimento com qualquer compromisso estético pré-estabelecido. Como autodidata, sem qualquer formação teórica, a força da artista é puramente instintiva. Colorista excepcional, com um sentido compositivo surpreendente, pode-se tranqüilamente usar a palavra fenômeno, com relação a Eli Heil, como se pode falar em fenômeno a propósito de Jheronimus Bosch.”<sup>3</sup>

Publicou muitos artigos sobre artistas plásticos nos jornais locais de Santa Catarina como **O Estado** e o **Diário Catarinense**, onde manteve coluna intitulada “Artes”, como no Rio de Janeiro, onde assinou coluna de artes plásticas do **Jornal do Brasil**.

O trabalho com o material de Harry Laus já originou dissertações e teses, na UFSC. É importante que um acervo, para que não se torne apenas um arquivo morto, motive artigos e pesquisas, o que tem acontecido com o dele. No curso de Pós-Graduação, temos os seguintes resultados:

1. Luísa Cristina Dos Santos. **Cara ou cachorra?** um jogo discursivo de-como-ser sujeito. Dissertação de mestrado. UFSC 1997.

2. Maristela Della Rocca Medeiros. **Monólogo da provação:** ficção e diário (resgate de um inédito de Harry Laus). Dissertação de mestrado. UFSC, 1998.

3. Maria Albertina Freitas de Melo. **Contrapontos:** as cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa. Dissertação de mestrado. UFSC, 2001.

4. Taíza Rauen Moraes. **Diários:** espaço de presença e ausência de Harry Laus. Tese de doutorado. UFSC, 2002. Esta tese foi premiada em concurso e publicada em Joinville pela editora Letra d'Água e publicada em livro em 2005.<sup>4</sup>

5. Maria Aparecida Borges Vieira. **Os papeis de Harry Laus:** um perfil do crítico de arte no jornalismo brasileiro. Dissertação de mestrado. UFSC, 2009.

O acervo permite ainda mais teses e dissertações, pois é um material muito rico. Há possibilidade de se estudar a fundo os diários, uma vez que todo o trabalho de organização em uma edição genética já foi realizado pela

<sup>3</sup> Harry LAUS. A visita do Pássaro. Florianópolis, Jornal O Estado, 09/05/1990.

<sup>4</sup> Taíza Mara Rauen Moraes. **Diários:** espaço de presença e ausência de Harry Laus. Edição crítico-genética. Joinville: Letradágua, 2005.

Profa. Dra. Taíza Rauen Moraes, da Univille. Há possibilidades de estudo de temas como o fazer literário, o mercado editorial, o exercício da tradução, a crítica literária, e a correspondência bastante grande, entre outros temas. Mas é o estudo da questão de gênero que muito se enriqueceria com um debruçar-se sobre os lúcidos escritos de Harry Laus. Como registrou, em um de seus diários: Há profissões que terminam antes que a vida se encerre, outras prolongam-se até a morte e as mais nobres permanecem depois dela. Essa última é a dos escritores. Mas somos nós pesquisadores, leitores e críticos, que fazemos com que eles permaneçam além da morte.

Seu último romance **Os Papéis do Coronel**, traduzido para o francês por Claire Cayron, foi editado em 1992 na França, e, em 1995, foi finalmente publicado pela Editora da UFSC. Aliás, Harry teve toda a obra literária traduzida para o francês: **As horas de Zenão das Chagas**, em 1988, anteriormente publicada em Porto Alegre, pela Editora Mercado Aberto (1987); **Jandira**, contos, 1989; **A primeira Bala**, conto, edição bilíngue, 1989. A tradutora Claire Cayron, muito conhecida na França pela tradução de Miguel Torga, confessou numa entrevista publicada em jornal, que pensava traduzir Torga durante sua vida inteira. “Depois, encontrei a obra de Harry Laus e não pude me segurar. É uma escritura singular, como eu gosto, que faz um corte com o essencial da produção sul-americana. É uma escritura econômica, que assopra o frio para dizer o quente.” (Presse- Océan, 8/12/87.)

O acervo de Harry Laus nos foi doado já organizado pelo próprio escritor que deixou sua vida literária em ordem. São Diários, seis grossos cadernos de capa dura, manuscritos, sete cadernetas e pastas com trechos dos diários transcritos para publicação; Correspondência, com cinco pastas já separadas por destinatário, Projetos: seis pastas e duas caixas com planos diversos de contos e romances, Inéditos, com oito pastas, organizadas para publicação com os textos datilografados, páginas numeradas, trazendo até o desenho de capa e o índice. Deixou também várias pastas intituladas Crítica de arte. Uma outra com a árvore genealógica e o currículo e uma pasta de cor negra – talvez para lembrar seus tempos de provação –, a única pasta dessa cor no acervo, contendo papéis do exército. De família pobre, Harry foi empurrado para a carreira militar e cursou a escola militar de Porto Alegre. Foi, pois, militar por necessidade e não por vocação. Em 1964, aposentou-se aos 42 anos como coronel e é então que começa a sua vida mais criativa, tanto como crítico de arte quanto escritor.

À pergunta do escritor Salim Miguel, na entrevista citada, “Como é que o militar – de Porto Alegre a Mato Grosso – tornou-se escritor?” responde Harry Laus:

Militar é profissão, sobrevivência; escritor é ideal. [...] parece que eu soube tirar da estafante rotina dos quartéis, nos desvãos de tempo ocioso, um produto raro: meu aperfeiçoamento cultural. Nas horas de plantão ou como oficial de dia, muitas vezes chorei ao ler Dostoiévski. Como um general, antes de tomar uma decisão de batalha, chora ao saber da morte da mãe. Quanto a tornar-me escritor, o Exército talvez até tenha fortalecido minha vocação, pois os conflitos de ambiente e convicções abriram formas de percepção literária que uma vida mansa não teria forjado. Também as pressões e repressões à minha personalidade tiveram um efeito positivo: era preciso provar que eu estava certo, apesar de errado; isto é, que entre o certo e o errado existe um leque de possibilidades de se manter a dignidade humana. Também o Exército me deu a oportunidade de conhecer melhor a miséria e a grandeza de nossa gente simples, pobre, analfabeta, iludida – na pessoa dos soldados que por todo o Brasil frequentam os quartéis. Não foi o militar que se tornou escritor; foi o militar que formou o escritor.<sup>5</sup>

A correspondência de Harry Laus soma mais de 600 cartas e cartões, com correspondentes diversos. Há cartas ou simples cartões de escritores como Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Dalton Trevisan, Eneida, Jorge Amado, Fausto Cunha, Dacanal, escultores e pintores como Flávio de Carvalho, Pedro Escosteguy, Elke Hering, Antonio Maia, Mauricio Salgueiro e outros. Segundo sua irmã, a escritora Ruth Laus, e por informação do próprio Harry, muitas cartas foram destruídas por ele. Algumas, como as importantes cartas do escritor Mário Faustino, foram enviadas ao Prof. Benedito Nunes da Universidade Federal do Pará que as doou para arquivo idôneo, segundo afirma a HL em carta.

As cartas do escritor Mário Faustino foram muito importantes para Harry Laus que as mencionou mais de uma vez, com afeto. O escritor inseriu sete cartas no livro **Monólogo da provação**, omitindo as datas de envio ou recebimento.<sup>6</sup> Elas também estão incorporadas aos diários. Por que foram tão

<sup>5</sup> Entrevista com Salim Miguel. In MUZART, Zahidé L. **Tempo e andanças de Harry Laus**. Florianópolis: Editora da UFSC; Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993, p. 62.

<sup>6</sup> Harry Laus. **Monólogo da provação**. Florianópolis: Bernúncia Editora, 1998.

importantes tais cartas? Porque para o inseguro escritor eram um direcionamento, nelas encontrava conselhos, indicações de leituras, aprovação, ou não, elogios, incentivo... “Escreve, escreve cada vez mais com mais coragem. Não escrevas para a glória, nem para os outros, para publicar, para obter aplausos. Escreve para renovar, para realizar-te, para obter os teus próprios aplausos.” (Mário Faustino)

Outra pessoa que exerceu ainda maior influência na vida literária de Harry Laus foi Claire Cayron, sua tradutora francesa, e somente ao analisarmos as cartas trocadas entre eles, podemos avaliar o quanto esta mulher foi importante nos últimos anos de vida do escritor, os mais produtivos.

Ela era uma mulher alegre que apreciava viver mas, ao mesmo tempo, era muito severa e rígida. Rígida no cumprimento do dever, das tarefas. Uma de suas tarefas, a tradução da obra de Harry Laus para o francês, cumpriu-a até o fim com aquele cuidado e precisão que colocava em tudo o que fazia. A Claire Cayron,<sup>7</sup> deve Harry seu ressurgimento para a literatura, pois ela é a responsável pela publicação de toda a sua obra não somente na França como também, em parte, no Brasil. Tendo traduzido **Os papéis do Coronel**,<sup>8</sup> ainda em datiloscrito, que publicou em bela edição da Arcane 17,<sup>9</sup> impulsionou a editora da UFSC a também publicar o romance e em 2001, outros inéditos, textos do livro *Les archives des bons morceaux*<sup>10</sup> como já o havia feito, em 2000, com o então inédito em português, *Journal absurde* (diários de HL).<sup>11</sup>

O primeiro contato partiu do escritor, que a procurou para traduzir sua obra em 1983. “Ele tinha ouvido falar do meu trabalho como tradutora, mas na época eu estava traduzindo a obra de Miguel Torga, um trabalho de 25 anos, e só um ou dois anos depois é que tive tempo para traduzi-lo”, conta Claire Cayron.

Claire sempre reclamava do esquecimento do escritor Harry Laus no Brasil. Não chegava a entender essas questões de centro x periferia que enterram muitos bons escritores da província. Foi uma amiga fiel, traduzindo e

<sup>7</sup> Claire Cayron (12 de abril de 1935 - 2 de julho de 2002).

<sup>8</sup> Harry Laus. *Les jardins du Colonel*. Saint Nazaire: Arcane 17, 1992.

<sup>9</sup> A editora Arcane 17, fundada por Christian Bouthemy, em Saint Nazaire, publicou três livros de Harry Laus: **Les réveils de Zénon des Plaies**, 1988; **Jandira**, 1989; **Les jardins du Colonel**, 1992 e um conto, escrito durante a estadia do escritor em Saint Nazaire, na *Maison des écrivains*, «La première balle», 1989, todos com tradução de Claire Cayron.

<sup>10</sup> Harry Laus. *Les archives des bons morceaux*. Trad. Claire Cayron. Collection Ibériques. Paris: José Corti, 2001.

<sup>11</sup> Harry Laus. *Journal absurde*. Trad. Claire Cayron. Collection Ibériques. Paris: José Corti, 2000.

promovendo o escritor na França. Quanto ao Brasil, não teve ela a alegria de vê-lo publicado por uma grande editora como tanto desejou o que só aconteceu em 2007 quando a Confraria dos Bibliófilos do Brasil publicou, em belíssima edição com ilustrações do artista plástico Jayro Schmidt, dez contos escolhidos. O livro intitulou-se **Sentinela do nada e outros contos de Harry Laus**.

Quando Claire começou sua correspondência com Harry, as relações entre ambos eram puramente formais, mas com o tempo ficaram grandes amigos. O tratamento vai mudando de senhora para Clara, Clarinha etc.

A tradutora veio a Florianópolis e examinou todo o acervo do escritor, tendo fotocopiado tudo que poderia interessá-la como tradutora. Assim, chegou a publicar textos ainda inéditos no Brasil, como o romance **Os papéis do Coronel**, os Diários e três contos.

O estudo dessa correspondência mostra-nos em detalhe a influência da tradutora na obra do escritor. Harry Laus era um homem inseguro e precisava sempre de incentivo. Tanto é assim que permaneceu longos anos sem publicar e foi o estímulo de Claire Cayron que o libertou de sua concha, levando-o a editar o romance **Os papéis do Coronel**. Este livro teve mais ou menos três versões até a escolha final e, para isso, ele submeteu os manuscritos ao olhar de Claire.

Em entrevista à Profa. Taíza Rauen Morais,<sup>12</sup> à pergunta: “Como a senhora vê a forma como o autor Harry Laus se dirige à tradutora, sempre colocando suas dúvidas e pedindo conselhos sobre o livro que está escrevendo? Este relacionamento foi comum com os outros escritores que a senhora traduziu?”

Claire respondeu: “Não é raro que os escritores procurem a opinião de pessoas de confiança. No caso particular do Harry Laus, havia uma profunda solidão, uma incompreensão injusta no próprio meio e país dele – leia as inúmeras notas do “Diário”, a propósito. Foi assim que me tornei a necessária confidente. Ele sabia que apreciava a obra e que era capaz de mera objetividade – estou me lembrando da fórmula de Caio Fernando Abreu: “Os escritores brasileiros geralmente são acusados, não criticados”. Confesso que continuo aflita, e perplexa, da pouca atenção catarinense e brasileira à obra de Laus, ainda mal, incompletamente e só localmente editada.”

Ainda na mesma entrevista:

<sup>12</sup> MORAES, Taíza Mara Rauen. Um amor à primeira vista: Entrevista com Claire Cayron, Anexo. **A Notícia**, 10/11/2002.

Em uma carta, Harry Laus mencionou que jamais trocaria a tradutora Claire Cayron por outro, a não ser que a senhora o abandonasse. Já em uma outra ele disse: “Antes mesmo de começar meu trabalho de cotejar os textos, quero te felicitar pelo milagre de trabalho, que realizaste [...] Considero um achado precioso que só poderia ser encontrado por tua inteligência e amor ao que te propões realizar.

Estas eram formas de incentivá-la também, como muitas vezes a senhora fez com ele?

**Claire** - Todos os escritores tiveram igual fidelidade ao meu trabalho, de acordo com uma exigência profissional muitas vezes afirmada e que eles compartilhavam: o que foi escrito por um(a) só, na sincronia deve ser traduzido por um(a) só. Afirmção nada contraditória com várias e sucessivas traduções na diacronia. A tradução também é um trabalho sobre a “voz” do escritor. Dei uma “voz” francesa a Torga, a Harry, a Caio Fernando. No decorrer do tempo, espero para a obra deles outras empresas globais semelhantes à minha. Da mesma maneira não abandono os autores, mesmo depois de mortos, quer dizer, mesmo sem incentivo. Uma vez convencida do valor de uma obra, considero-me constantemente responsável dela. O “milagre do trabalho” é uma fórmula do escritor francês Max Jacob à qual Harry Laus se refere muitas vezes no “Diário”. Acreditávamos os dois naquele tipo de milagre.”

Para um homem como Harry Laus, imerso em seus próprios problemas existenciais, enfrentando o preconceito em sua cidade e em sua família, o apoio e o interesse de Claire Cayron por sua obra determinou-lhe o próprio interesse e a confiança em seu valor e no valor do que escrevia. Pode-se pensar que as várias versões de um mesmo texto manifeste a insegurança do escritor mas é também prova do grande cuidado com tudo o que fazia, a responsabilidade para com sua literatura e para com a tradutora. Claire lia com muito cuidado tudo o que Harry escrevia. Teve acesso às várias versões de **Os papéis do Coronel**, seu único romance, e fotocopiou essas várias versões. E quando Harry lhe comunica que está retomando a revisão do romance, Claire entusiasma-o bastante e envia-lhe várias sugestões e críticas geralmente acatadas pelo escritor.

Uma palavra sobre o romance ajudará a entender as críticas da tradutora que transcreverei.

Um certo Coronel, na reserva, decide isolar-se em sua casa de praia de Porto Belo para escrever um livro que contaria as andanças de Vitorio de Lima e Silva, de subtenente a coronel da reserva, seu casamento com Elsa Alves, o nascimento do único filho, Alírio, as viagens e mudanças devidas à carreira militar.

A narrativa se organiza em torno de três jardins. Por isso, o título do romance em francês foi *Les jardins du Colonel*. O jardim de terra, metafórico, do cultivo das sementes geradoras de vida, o de papel, onde o Coronel cultiva e gera seres de papel e tinta, o livro que escreve, e o terceiro, muito mais escondido, secreto, jardim dos desejos reprimidos e condenados socialmente: o jardim da homossexualidade. É deste jardim toda a orientação da narrativa e, talvez, as razões para o escrever. Os três jardins vão confluir no de papel, que é o livro. E estarão, os três, intimamente associados na narrativa.

Todo o estudo deste livro tem de partir do foco narrativo. Quem conta a história? Quem é Vitorio? Quem é o Coronel? O narrador é em terceira pessoa, porém fica a impressão, a sensação, de primeira pessoa. Misturam-se onisciência seletiva – o Coronel e suas personagens – falsa terceira pessoa, monólogo interior e diálogos. É uma narrativa muito contemporânea, onde o que está em jogo e em discussão é o fazer literário, o texto literário. Acompanha-se, a cada página, a feitura de um romance pelo Coronel, alter ego do escritor.

O recurso do escritor para a criação de duas personagens com a mesma profissão e mesmo título – Coronel – é uma estratégia que confere maior ambiguidade ao texto. De repente, o leitor não sabe mais se o Coronel de Porto Belo não seria o mesmo coronel Vitorio de Lima e Silva, não sabe se quem narra está sendo narrado... ou se quem foi “narrado” não é o narrador... Dentro da técnica de encaixes, misturam-se, surrealisticamente, as personagens a conviver com seu criador.

O escritor consultava a tradutora em meio à seleção dos textos das três versões manuscritas. Eis algumas de suas respostas:

“A sua segunda carta deu-me muita alegria, sabendo que você estava ‘às voltas’ com **Os papéis do Coronel**. Não os abandone. Como anulei um projeto de tradução, no caso de a situação melhorar, talvez possa trabalhar no seu livro o qual tinha lido outra vez, antes de receber, hoje, as páginas emendadas ou suplementares. Infelizmente, não sei onde encontrar o tempo de desenvolver as minhas observações. Era preciso você estar cá (...) ou eu estar lá (às vezes

sonho...) Vou tentar enumerar algumas:

– talvez seria preciso verificar que a leitura seguida dos fragmentos “Vitório” dá uma leitura “biográfica” coerente;

– talvez uma maneira de melhor situar a dualidade Coronel / Vitório, seria escrever no presente os fragmentos relativos ao primeiro, e no pretérito (literário) os outros;

– há “dérapages” (escorregões) na narrativa, várias vezes, no sentido em que não se sabe donde o Coronel está visto, ou “na cabeça de quem estamos?”. A maior parte das vezes, o Coronel fala “do interior” – uma espécie de monólogo disfarçado consoante à solidão dele: parece-me a técnica narrativa adequada. Mas, às vezes, parece que intervém “o autor”, o que rompe a verossimilhança. Ex. p.6: “Quando o ex-companheiro e confidente..., o outro baixou os olhos”. Parece-me que deve-se dizer “ele”, ou “O Coronel” (“o outro” só o pode ser para uma terceira pessoa...) Id. P. 7 (nova) “trancou-se por dentro, decidindo nunca mais o visitar. Aí, com o “decidindo”, parece que subitamente (e inutilmente) estamos na cabeça do Bernardo. Eu lia: “e nunca mais o visitou”. São “exemplinhos”, entre outros, nos quais a leitura (minha) tropeçou; p. 29, o parágrafo final sobre a escrita “cheira-me” um bocado didático; quem fala aí não é o Coronel, mas você... diretamente;

- - p. 40: “Que coisa poderia pedir o velho coronel aposentado”. Também aí parece-me que há erro de narrativa. Eu lia “um velho coronel aposentado” (generalizando a interrogação) ou simplesmente “ele”? Na frase seguinte, talvez se possa pôr “mulher e filhos” entre aspas, como se fosse abstração, acentuando o fato de que Elza e Alírio só existem no papel; “– o fragmento 10 é fraco, na construção.”

Todas essas observações são analisadas pelo escritor e discutidas na carta de 15 de maio de 1990, quando responde uma a uma.

Ela lhe diz que ele não explorou bastante a forma do Coronel escritor e a escritura do Coronel.

Por causa dessa ambiguidade, o escritor responde à tradutora que seu “comportamento (atitude) face à escrita foi transferido para o “Coronel escritor”.

Afirma Claire que o leitor compreende mal porque o Coronel só tem uma esposa e um filho de papel (na narrativa dentro do romance) porque sua personalidade não está bem clara, bem expressa.”

Ao que responde Harry Laus:

Esta observação [é] muito pertinente e bem expressa. A solução foi revelar a homossexualidade do Coronel, coisa que eu tencionava fazer desde a entrada dos meninos de Porto Belo – que entraram exatamente para isto – e a visita do Professor Bernardo, como resolvi chamá-lo, baseado num fato em parte verdadeiro. Sua presença passou a ser outro ponto de suspense acrescido ao capítulo primeiro, em função de um bilhete que ele deixa para o Coronel. Eu estava omitindo isto, confesso, pela ojeriza que tens pelo assunto. Mas, discretamente como o fiz, acho que a história cresce em dramaticidade e adquire certo sentido “moral” que, aliás, coincide com meu próprio sentir. (Carta 15/maio/1990)

Por essas pequenas notas transcritas, pode-se avaliar um pouco o quanto a influência da tradutora Claire Cayron se fez sentir na obra de Harry Laus. Os últimos anos de vida do escritor foram anos felizes no intenso diálogo com sua tradutora, apaixonada por seu trabalho.

Pergunta-se o escritor português Lobo Antunes:

“Conheces algum artista que não sofra, conheces algum artista feliz?”

Na obra do escritor Harry Laus, o sofrimento é aquele imposto pelos preconceitos da sociedade da época com relação à homossexualidade: na dor da não-aceitação por parte do próprio escritor e por parte dos outros, tema que organiza e domina sua obra, notadamente o último romance, **Os papéis do Coronel**.

O trabalho de Harry Laus, em todos os seus textos, está ancorado na memória autobiográfica dos caminhos por onde andou, das pessoas com quem cruzou, de todas as dores por que passou e, principalmente, na cruz que lhe era a homossexualidade. Esse fio da memória está no texto mesmo de forma não intencional, ligando todos os pontos do livro. Lembranças, fragmentos, retalhos do cotidiano perpassam-no com a voz dominante do narrador travestido da autoridade do título de Coronel. Título pomposo que vai sendo aos poucos arrancado para o desnudamento do ser: carente, amoroso e inquieto a derramar-se em ternuras ante as plantinhas de seu jardim de terra. Em presença das sementes, o narrador e sua personagem (os dois coronéis) se extasiam diante do poder da vida.

Desde o Quixote, o tema principal do romance é o da busca. Podemos

perguntar-nos o que buscaria este Coronel, perdido num lugar isolado como Porto Belo, onde só dialoga com suas próprias lembranças? Seria uma busca de si próprio, um mergulho em si? Um narrador em busca de si mesmo? A pergunta de Roland Barthes “*Raconter n’est-ce pas toujours chercher son origine?*”,<sup>13</sup> aplica-se à narrativa **Os papéis do Coronel**, onde a personagem-título persegue um fim último que é a consecução da obra literária, do livro, e é, ao mesmo tempo, a busca de suas origens, de suas raízes, e de sua identidade. O título do romance apresenta várias conotações, com um sentido predominante cartorial, de documentos, dossiês, testamento. Por esses papéis temos o livro do Coronel que é, ao mesmo tempo, o testamento de Harry, posto que o último texto editado.

Harry Laus assumiu realmente a homossexualidade e a literatura com o empurrão do exército. Mas foi gay e escritor desde a juventude. E sofreu com a rejeição social. Era um belo homem, sempre foi um belo homem. No amor, não se realizou, teve inúmeros casos, foi traído, foi infeliz, bebeu muito e fumou mais ainda. Faleceu às vésperas de completar 70 anos. Era uma pessoa encantadora, simpática, engraçada e muito amigo de seus amigos. Um de seus primeiros contos, “*Perspectiva*” (1943), sua primeira publicação quando era aluno da escola Preparatória de Cadetes, foi publicado, apesar da irreverência para com a instituição militar, na revista da escola. Nele, Harry evoca o dia de um homem anônimo mas descrito como um jovem soldado que, a cada manhã, ao som da corneta, “vai aumentar seu passado de um dia e diminuir de um dia seu futuro”. Esta frase traduz todo o sentimento do jovem, preso na repetição das tarefas sem sentido do exército. Ainda cadete, já em seus contos, vai deixar transparecer a angústia dessa escolha por contingência e não por vocação.

Os títulos tão expressivos das obras **Monólogo da provação**, **Do amor banido** filiam-se à questão de gênero e ao homossexualismo.

Nos contos, encontra-se um ponto importante da literatura que é o estranhamento. Não são contos banais, não pertencem ao *déjà lu*, trazem algo novo e, sobretudo, fazem-nos pensar. Em sua literatura, temas como a angústia, o sofrimento, a morte atingem a literatura universal, mesmo que suas personagens estejam inseridas em espaços catarinenses como Porto Belo, Campeche. Se não se encontram em seus contos e novelas grandes inovações

<sup>13</sup> Roland Barthes. *Le plaisir du texte*. Paris, Editions du Seuil, 1973, p.75.

verbais, volteios frásicos, nem por isso são menos surpreendentes. E a surpresa vem desse estranhamento que pode ser estudado de várias maneiras, pelo lado psicanalítico, filosófico ou somente literário. Como disse o próprio autor: “minha literatura preocupa-se com problemas que são universais, que existem tanto entre os habitantes de Saint-Nazaire como em Florianópolis.”

Ao ler um dos conselhos de Mário Faustino, em uma das cartas, que reproduzo abaixo, vê-se que o destinatário da carta seguiu essas idéias, principalmente dedicando-se mais ao trabalho da arte do que à inspiração:

Continuo convencido de que és um escritor nato. Só que precisas, de uma vez por todas, decidir-te a renovar. Repito-te: renovar, *make it new*, é condição de existência na literatura duma época como a nossa. [...] Estuda, escreve, reestuda, reescreve. Escreve para criar e para o que criar fale por si e não tu através dele. Isso é importante. Que o que escreves seja um ser, um organismo, falante e comunicante – talvez teu porta-voz, mas apenas secundariamente, que fale por si, que tenha a sua própria voz – ou suas próprias vozes.

A questão do homossexualismo está muito presente não só na temática como na busca do diferente, do estranho no cotidiano, do insólito no dia-a-dia. Em um momento do diário, Harry afirma:

Neste momento, não sei o que dizer, mas essa indecisão ou essa ignorância, ou ausência de projeto se reflete muitas vezes nos meus atos. Por tanto querer encontrar as origens deste comportamento, chego a justificá-lo pelo fato de sempre ter de pesquisar e descobrir por mim mesmo todos os mistérios e lados obscuros da vida. De nunca ter tido ninguém para me guiar: nem mãe, nem pai, nem irmão.

Esse sentimento de inadequação na vida transparece no próprio estilo de sua obra. Penso que, se inexistisse tal sentimento, esse sentimento de ser estranho, ele não teria sido o bom escritor que se tornou. Suas inseguranças e dúvidas, medos e fantasmas são o terreno sobre o qual teceu suas narrativas. Viveu em época de preconceitos muitíssimo maiores do que hoje e, por ser militar, enfrentou problemas, entre os quais o de viver uma vida oculta, de esconder sua verdadeira personalidade sob uma máscara mais ou menos

rígida. Mas foi uma figura humana maravilhosa que pegou a vida pelos dentes e, apesar de seus sofrimentos íntimos e decepções, também teve momentos de grande alegria, de loucura e de prazer.

Artigo recebido em: 02/05/2011  
Aceito para publicação: 02/10/2011